

Revista Filosófica de Coimbra

vol.12 | n.º23 | 2003

Miguel Baptista Pereira
Amândio Coxito
Edmundo Balsemão Pires
Alexandre Franco de Sá
João Carlos Correia

Q. S. F. TERTULIANO, *Apologético*. Edição bilingue com Introdução, notas e comentários de José Carlos Miranda. Lisboa: Livraria Alcalá (Philokalia: 3), 2002, 637 p.

Acontecimento editorial de elevado prestígio é o que temos vindo a assistir desde 2001, com entusiasmo pessoal, à colecção «Philokalia» da Livraria Alcalá. Publicados já três volumes (*Carta aos Coríntios* de Clemente Romano e *A Diogneto*) e com um quarto anunciado (*O Pastor de Hermas*), a colecção chama a si a invenção alexandrino-capadócia do «amor pelas coisas belas» – leia-se: os textos, as letras – para «facultar a um público de leitores cada vez mais vasto as 'jóias' da literatura e espiritualidade cristãs dos primeiros séculos». Saudamos esta tão ousada iniciativa, que se apresenta além disso numa forma esmerada, de um ponto de vista editorial e tipográfico, agora tão raros, mediante a recensão do terceiro volume da colecção, trabalho cuidado de José Carlos de Miranda (de quem já conhecíamos um interessante e oportuno *O Livro Apologético de Orósio de Braga*, de 1999) sobre o título relevante de Tertuliano, um dos nomes maiores da patrística latina (séculos II-III). De referir que até hoje só a colecção «Origens do Cristianismo» da Verbo, dirigida por António Montes Moreira, dera uma tradução portuguesa de *De cultu feminarum e De spectaculis* (Lisboa 1974), embora a partir da edição parisiense de du Cerf (p. 10, n. 11); tenha-se sempre presente porém o que escreve JMC acerca do «primeiro *Apologético* português» (p. 7-74), da autoria de M. Capela (vd. a ed. Comemorativa do 150º do Nascimento deste, Terras de Bouro 1992). Já tivemos ocasião de reivindicar por várias vezes a necessidade de se criar nas nossas Faculdades de Letras ao menos uma disciplina de Patrística (vd. v.g. *A Síntese Frágil*, Lisboa 2002, p. 56). O género da «apologia», por um lado («com a apologética começa uma nova primavera para a criatividade literária da nascente cultura cristã» p. 40), e toda a interessante secção do título ora recenseado dedicada à polémica «anti-filosófica» (XLVI-XLVII), por outro (vd. M^o C. Pacheco, s.v. in *Logos 5*, Lisboa 1992, 131-3 ou o nosso «A Filosofia Bárbara» in *Itinerarium*), provaria, se isso fosse preciso, a justiça do nosso insistente reclame. Acontece que também JCM partilha da consciência da necessidade de não amputarmos as nossas «raízes comuns» (p. 7) e por isso contribuiu louvável e habilmente para este terceiro generoso volume de 'Philokalia'. Ora, no que concerne à filosofia, acompanhamos sem reticências substantivas a tese de J.-C. Fredouille (Paris 1972) sobre a moderação da sua polémica anti-filosófica; ela passava por i) assinalar a contradição dos filósofos entre si; ii) e entre as suas vidas e o seu ensino; iii) sobre o carácter capcioso da dialéctica filosófica. Não havendo sacrifício da razão pelo irracional, outrossim adaptação e conversão de uma cultura às exigências de uma pastoral e de uma polémica, perguntamo-nos se ainda faz sentido (e qual a sua comodidade afinal?) manter a habitual dicotomia que inscreve Tertuliano na consagrada linhagem anti-inte-

lectualista que, alegadamente, de certas epístolas paulinas passaria pelos anti-dialécticos do séc. XI, Pedro Damião, Berengário e São Bernardo, João de Jandum, os projectos de Erasmo, os deistas dos séculos XVII e XVIII, a libertinagem erudita, o modernismo, a teologia dialéctica destruidora dos símbolos e o projecto do *Tractatus* de Wittgenstein de ruptura entre ciência e mundo (vd. as nossas referências in *Itinerarium* 41, 1995, 22). Para além de uma tradução exemplar (do texto fixado com base na ed. JP. Waltzing, p. 61), recheada de notas de pendor variado (da estrita filosofia à história da teologia com incursões pela filosofia e a erudição pura), JMC é autor de uma boa introdução ao *Apológico* (c. 197), lido sob duas chaves, certamente adequadas, «idolatria» e «tempo/história» (p. 12-34). O seu contributo não termina sem antes acrescentar preciosas «Notas Técnicas» (p. 35-75), que versam a Vida e Obra de Tertuliano, abordam o Género Literário e a redacção do presente título, a língua, o estilo e a sua transmissão, uma útil e actualizada bibliografia com suplemento – acrescentaria no entanto a reflexão do malgrado J. Rousselet, 'Tertulien joue de la distance', in *Rev des Et. August.* 44, 1998, 3-11 e, no mesmo local (46, 2000, 235-271), a atribuição tertuliana de um fragmento Ms. Vat. lat 3852 do *De execrandis gentium diis*; o estudo de G. Folliet sobre a transmissão dos Setenta em África com base em Tertuliano, in *Rev. Bénédicte* 110 (2000) 181-203; uma interessante leitura sobre a volúpia, a propósito da noção de prazer: Kessler, A., «Tertullian und das Vergnügen in 'De Spectaculis'» *Freib. Zeitschr. für Phil. und Theol.* 41 (1994) 313-53; ou a bibliografia que em qualquer caso nos é mais acessível: M. Sordi in *Humanística e Teologia* 13 (1992) sobre *Apológico V*, a tese de B. Bernardo, *Simbolismo e tipologia do Baptismo em Tertuliano e Stº Ambrósio*, Lisboa 1989. Este belo volume termina com um necessário índice temático e onomástico (p. 603-33, leia-se porém: Luciano de Samósata). Algumas gralhas e descuidos de revisão (pp. 9, 40, 48, 228, 252, 576, etc.) não são suficientes para despromoverem esta notável iniciativa e para deixarmos de congratular o jovem tradutor e editor, por mais este trabalho. Oxalá as suas duas obras de tradução artística sejam apenas as primícias de um fecundo labor.

Mário Santiago de Carvalho

K. GROTSCH (ed.), *F. W. J. Schelling Weltalter-Fragmente, mit einer Einleitung von W. Schmidt-Biggemann*, Stuttgart – Bad Cannstatt, Frommann-Holzboog, 2002, 2 vols. Pp. 442 + 328, Einleitung: "Schellings «Weltalter» in der Tradition abendländischer Spiritualität", pp. 1-78; Vorbemerkung, pp. 79-104.

Na colecção *Schellingiana* da editora Frommann-Holzboog, editada por W. E. Ehrhardt, foi publicada uma pré-edição crítica dos manuscritos de F. W. J. Schelling sobre as épocas do mundo.

De acordo com o responsável editorial, K. Grotzsch, a obra baseia-se em um trabalho de edição histórico-crítica de sete grupos de textos manuscritos de Schelling conservados no Arquivo da Academia das Ciências de Berlin-Brandenburgo com a cota de arquivo NL Schelling, 86, S. 20. A presente edição não foi directamente incluída na edição crítica das obras de Schelling de Munique, por lhe faltar o elemento ordenador cronológico dos diferentes textos e ser, nesta medida, o espelho de uma "obra em progresso".

De 1806 em diante trabalhou Schelling no seu conceito das "épocas do mundo". Em 1811, algumas folhas contendo este núcleo doutrinário chegaram a ser impressas mas nunca foi publicada qualquer obra. Em 14 de Agosto de 1814 revelava o filósofo ao editor Cotta